

CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA: A MUSICOTERAPIA COMO RECURSO FACILITADOR NO DESENVOLVIMENTO DA FALA

Marta Aparecida da Silva Pires

<http://lattes.cnpq.br/8274398116563502>

<https://orcid.org/0009-0001-7277-1598>

E-mail: martamusicoterapia05@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3-54>

RESUMO: Este trabalho tem a finalidade de investigar se de fato as atividades musicais interferem no desenvolvimento da linguagem de crianças autistas. Um dos primeiros sinais do autismo se configura como o atraso na fala. A metodologia aplicada foi a qualitativa, observando a evolução da fala e a maneira como a criança se comunica com o outro. Os resultados tem demonstrado que a música é de fato, um recurso facilitador no processo de desenvolvimento da fala. A importância de uma pesquisa dessa natureza se faz com o propósito de utilizar a música de maneira fundamentada e cientificamente comprovada como um eficiente meio para concomitante a outras terapias melhorar a comunicação e a linguagem de crianças autistas.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Fala. Linguagem. Música. Musicoterapia.

BRAZILIAN MUSIC CONSERVATORY: MUSIC THERAPY AS A FACILITATING RESOURCE IN SPEECH DEVELOPMENT

ABSTRACT: This work aims to investigate whether, in fact, musical activities interfere in the language development of autistic children. One of the first signs of autism is speech delay. The applied methodology was qualitative, observing the evolution of speech and the way the child communicates with the other. The results have shown that music is, in fact, a facilitating resource in the speech development process. The importance of research of this nature is done with the purpose of using music in a reasoned and scientifically proven way as an efficient means to concomitantly improve the communication and language of autistic children with other therapies.

KEYWORDS: Autism. He speaks. Language. Music. Music therapy.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo aparece no decorrer da minha prática com crianças autistas e a música. É bastante notório que o atraso na fala se constitui como um dos sintomas do autismo. Ao observar que as crianças autistas apresentam uma significativa melhora na fala quando participam de atividades de educação musical que se apresenta como minha experiência inicial com a música, sendo, portanto, anterior à musicoterapia. Esse caminho com a musicoterapia começa a ser construído a partir das experiências com alunos que

apresentam dificuldades de aprendizagem e comportamentos atípicos como o autismo, por exemplo.

Para a construção deste trabalho, que exige uma delimitação do tema, a fala foi o meu objeto de pesquisa, visto que, esta se configura como um dos elementos mais importantes da linguagem e da comunicação. Pode-se observar que há um crescente número de crianças com atraso na fala e, investigar como o processo de melhoria da fala ocorre com a presença da música, deu origem a este trabalho de pesquisa que pretendo dar continuidade, com o propósito de atender a esses pacientes de maneira assertiva, cuidadosa e fundamentada.

No decorrer da prática com atividades musicais foi possível perceber que a música é um potente recurso para a melhora e desenvolvimento da fala em crianças autistas. Essas crianças demonstram muito prazer ao realizar atividades que envolvem canto, parte rítmica, movimento corporal com músicas, parlendas bem ritimadas e instrumentos de percussão. A musicoterapia como uma prática clínica, permite que essas crianças e suas tenham uma melhor qualidade de vida, para elas, porque poderão usar a fala como meio de se comunicar e interagir com o outro, a fala será um recurso que facilita a aprendizagem e para as famílias, porque também podem estabelecer uma comunicação mais eficiente com a criança, diminuindo assim, os temores e preocupações de como será a vida dessa criança na sociedade, na escola e na convivência com outras pessoas.

O objetivo deste estudo é investigar se a musicoterapia de fato, ajuda a melhorar o desenvolvimento da fala de crianças autistas. Por que as pessoas se interessam de maneira tão fortemente pela musicoterapia? Pode-se observar que há um fascínio que a música promove, é como se fosse um mundo de sensações capaz de realizar verdadeiros milagres na vida delas. A procura pela musicoterapia tem se tornado um fenômeno frequente e bastante recorrente na vida da população, sobretudo pelas famílias de crianças que apresentam o transtorno do espectro.

Observar de que maneira esse processo ocorre e porque essas crianças demonstram muita inclinação, prazer e predisposição para a música com seus elementos como: melodia, harmonia, ritmo e duração do som. Devo ressaltar que essa investigação não se esgota por aqui. Há um longo e desejoso caminho a ser percorrido. A curiosidade natural do ser humano e a determinação em aprender me impulsiona a seguir com a pesquisa de

forma mais aprofundada para assim, contribuir com a qualidade de vida que a musicoterapia tem a oferecer para as crianças atípicas. O conhecimento adquirido com experiências, leituras e encontro com os mestres, é como um uma brisa refrescante em dias de muito calor, é como um bálsamo no auge da dor. O conhecimento, segundo Prov. 2. 10, entrará no teu coração e será suave à tua alma.

REVISÃO DE LITERATURA

MUSICOTERAPIA

A musicoterapia como um conhecimento sistemático, fundamentada e embasada surgiu há cerca de 70 anos, quando surgiu nos Estados Unidos a problematização da junção de música com a terapia. A música, no entanto, já era utilizada como elemento terapêutico nas práticas xamânicas (Barcellos, 2021).

A musicoterapia ainda está em desenvolvimento; ainda está no processo de vir a ser. Apesar da ideia de se usar a música em terapia ter milhares de anos não foi antes do século XX que um corpo suficiente de conhecimento foi reunido e documentado para criar a “disciplina”. Assim, como uma disciplina formal, ela é ainda bem jovem. Teorias estão apenas começando a tomar forma e a necessidade de pesquisa está agora começando a ficar clara (Bruscia, 2016).

A música é inerente ao homem, durante toda sua existência todo ser humano tem uma relação bastante próxima com esta arte tão sublime e encantadora. E a esta relação da música com o homem chamamos de musicalidade, ou seja, é uma característica muito própria que faz parte de todo ciclo de vida, sendo, portanto, uma característica humana. Ocorre que a partir do século 20 percebeu-se uma necessidade de se pensar a música como um recurso terapêutico cientificamente comprovado que fosse capaz de intervir na saúde do homem e auxiliá-lo em diversas dificuldades elencadas, tais como: paralisia cerebral, síndrome de Down, depressão, autismo, distúrbios neurológicos, dificuldade de aprendizagem ansiedade e outros. A musicoterapia é, portanto, um recurso capaz de ajudar as pessoas por um certo período de sua vida, diferente da música que é algo que está sempre presente na vida das pessoas (Bruscia, 2016; Barcellos, 2021).

É bastante comum ouvir as pessoas se referirem à música como uma terapia, visto

que o senso comum concebe a terapia como algo que traz conforto e bem-estar. É preciso ressaltar, contudo, que a musicoterapia como um recurso terapêutico, impreterivelmente necessita da presença do musicoterapeuta, devidamente formado e capacitado para exercer tal função, ou seja, é aquele profissional que usa princípios éticos pessoais e profissionais para guiar seu trabalho. Utilizar a música como terapia, basta que esta e o paciente se façam presentes e não demanda da presença de nenhum outro elemento, a música por si só é capaz de resolver aquele momento de dificuldade. Numa sessão de musicoterapia, é necessário todo conhecimento bem embasado e cientificamente comprovado que somente a formação proporciona (Bruscia, 2016; Barcellos, 2021).

Como educadora musical, tenho recebido alunos atípicos como autistas, por exemplo. Isso me fez ter curiosidade para conhecer e aprender sobre o fascinante universo da musicoterapia, haja vista, que são inúmeras as dificuldades encontradas para lidar com crianças que apresentam ou não um diagnóstico médico. Trabalhar com crianças neuroatípicas requer de cada profissional uma formação adequada, sensibilidade, conhecimento aprofundado e planejamento. Conhecer de perto a musicoterapia e seus benefícios sobre a saúde e bem-estar é muito enriquecedor. Ainda que eu esteja no início dessa longa caminhada de adquirir conhecimento e experiência, os horizontes vão se abrindo e como uma tocha de luz acesa, vai nos conduzindo e mostrando a maneira mais assertiva de se trabalhar com esse público, que é de um todo fascinante e encantador (Bruscia, 2016; Barcellos, 2021).

AUTISMO

O autismo é visto como um espectro em que a maioria das crianças tem um desenvolvimento da linguagem atrasado e um prejuízo cognitivo. Apresentam ecolalia e estereotípias como: sacudir as mãos, andar nas pontas dos pés, inclinar-se para a frente e para trás e girar objetos. Os autistas não respondem quase nada ao mundo social, no entanto, apresentam facilidade em conectar-se com objetos e coisas inanimadas de maneira surpreendente (Barcellos, 2007).

O autismo pode ser literalmente traduzido como aquele que vive em termos próprios do eu (*self*), centrada em si mesma, com pouca ou sem nenhuma reação ao mundo

que a rodeia.

A primeira definição de autismo como um quadro clínico ocorreu em 1943, quando o médico austríaco Leo Kanner, que na época trabalhava no hospital Johns Hopkins (em Baltimore, nos EUA), sistematizou a cuidadosa observação de um grupo de crianças com idades que variavam entre 2 e 8 anos, cujo transtorno ele denominou de “distúrbio autístico de contato afetivo” (Brasil, 2014, s.p.).

Receber o diagnóstico de autismo se constitui como um momento delicado e sofrido para as famílias, pois esse fator novo interfere sobremaneira na rotina de todos os que convivem com a criança, visto que, do momento do diagnóstico em diante, a criança demandará uma série de cuidados, que incluem acompanhamento com fonoaudiólogos, terapeutas, psicopedagogos, psicólogos e outras formas de tratamento, tornando exaustiva e sobrecarregada, sobretudo a mãe dessa criança, que deverá ser acolhida e respeitada.

O autismo tem se constituído como objeto de pesquisa que vem crescendo de forma bastante frequente nas áreas que envolvem Saúde e Educação. Visto que os números de casos de crianças autistas também têm aumentado de maneira satisfatória nos dias atuais. Como estudante de Pós-graduação em musicoterapia, a autora desse trabalho, movida pelo desejo de entender e compreender como a música contribui no desenvolvimento da fala em crianças autistas, haja vista, no espectro autista a maioria das crianças tem um desenvolvimento da linguagem atrasado. Segundo o Ministério da Saúde, “algumas crianças com TEA deixam de falar ou perdem certas habilidades sociais já adquiridas por volta dos 12 aos 24 meses. A perda pode ser gradual ou aparentemente súbita” (Brasil, 2014, s.p.).

O atraso na fala se constitui como uma das primeiras preocupações dos pais de bebês. Ainda que não tenham recebido o diagnóstico de autismo, quando o bebê não fala no tempo que se espera, uma inquietação toma conta e acende um alerta sobre a família. Tem sido espantoso o aumento do número de casos de crianças que não falam na idade em que se espera, é impressionante a procura desses pais que recorrem à musicoterapia como instrumento para auxiliar os pais nesse processo. Penso que esse fenômeno se constitui como um pertinente objeto para investigação. Por que tantos casos de atraso na fala dos bebês? Com o advento das redes sociais, as pessoas estão cada vez mais informadas acerca do assunto, e, ao perceber que existe algo de diferente no

desenvolvimento da criança, as famílias recorrem aos profissionais que porventura possam lhes ajudar naquilo que é motivo de angústia e inquietação. A primeira manifestação do homem, quando nasce, é sonora – através da voz. É também por meio da voz que o bebê expressa suas necessidades como a fome e a necessidade de ser higienizado. Aos poucos, o bebê vai se exercitando e seus sons – a princípio aparentemente desorganizados – vão tomando forma, chegando até à verbalização (Barcellos, 2007).

Como educadora musical, é perceptível a procura desses pais por atividades musicais, e é por esta razão que muito me interessou a pesquisa sobre a influência da música no desenvolvimento dessas crianças. Me refiro à música no seu sentido mais amplo, porque na maioria dos casos, essas famílias não sabem o que é a musicoterapia, nem do que se trata, só depois de chegar a nosso serviço é que esclarecemos a diferença entre atividades musicais e a musicoterapia.

Um dos fatores que favorecem a relação do bebê com sua mãe é a voz, mas esta relação ocorre de forma multimodal, através dos diversos canais sensoriais, tais como o tato, o olhar e a audição. Sendo que todas estas experiências sensoriais contribuem para o jogo relacional entre a mãe e o bebê (Barbosa; Oliveira, 2010).

Desde o ventre materno o bebê já está em contato com a voz dos pais, e de forma mais latente a voz da mãe, que instintivamente conversa, canta canções e até apresenta narrativas para esse bebê. Depois do nascimento, esse diálogo se perpetua. Pode-se observar que o instinto materno vai se tomando força, e isso não está atrelado a determinada classe social ou cultura, pois é muito pertencente a todas as mães a relação de afeto e cuidado com aquele ser carregado em seu ventre (Barbosa; Oliveira, 2010).

Sendo a fala um dos principais canais de fortalecimento do vínculo entre a mãe e o seu bebê, é perfeitamente compreensível a inquietação e angústia da mãe e / ou dos pais quando se percebe a ausência de palavras que naturalmente o bebê falaria. Ouvir a voz do bebê se constitui como um momento de prazer e alento para quem o embala no colo (Barbosa; Oliveira, 2010).

A fala é inerente ao homem, somos, portanto, seres falantes. Esta merece toda nossa atenção, como um dos elementos do campo da linguagem com todos os seus

componentes. No universo dos bebês a comunicação entre eles e a mãe, ou com os pais e também cuidadores é muito musical. Os diálogos são compostos de verdadeiros vocalizes, glissandos, onde podemos perceber uma linha melódica que vai do grave ao agudo, ou seja, é a presença do manhês que torna esse momento tão harmonioso e agradável (Millecco Filho; Brandão; Millecco, 2001; Barbosa; Oliveira, 2010).

Existe um fenômeno intrigante conhecido como Canção de Ur, nome dado a um tipo fundamental de melodia, cantada por crianças em todo o mundo, independente da cultura a que pertencem. De dezoito meses a dois anos e meio de idade, as crianças cantam espontaneamente fragmentos melódicos com intervalos de segunda, terça menor e terça maior. Até os três anos passam a incluir intervalos de quarta e de quinta, e a partir daí começam a ser influenciadas pelo estilo musical particular da própria cultura (Millecco Filho; Brandão; Millecco, 2001).

É importante lembrar que “para o desenvolvimento da criança, os dois primeiros anos de vida são cruciais; portanto, deve-se considerar que a comunicação e a linguagem tem início no momento em que o bebê nasce” (Baptista; Bosa, 2002, p. 51).

Desde então algumas interrogações tem perpassado sobre a minha prática e o desejo de investigar sobre o assunto, vindo daí as seguintes indagações: “A música de fato interfere e produz melhora na qualidade da comunicação dessas crianças?”, “Por que os autistas se sentem tão seduzidos pelo canto?”.

Ora, podemos pensar que se a música está tão intimamente ligada à fala, as atividades de canto, ritmo, histórias cantadas e parlenda ritimadas se configuram como um terreno fértil para que a comunicação através da fala se torne mais assertiva e facilitada. As expressões vocais estão organizadas em palavras verbais e são afetadas por uma musicalidade espontânea tão significativa quanto as palavras. O bebê que descobre a potencialidade expressiva de sua própria voz aprende, ao mesmo tempo, a jogar com o tempo do compartilhar, no qual ele se inscreve, e a dominar os limites do espaço entre o “eu” e o “tu” (Trevvarthen; Aitken; Gratier, 2019, p. 84).

METODOLOGIA

A ciência propõe-se a captar e manipular a realidade assim como ela é. A

metodologia desenvolve a preocupação em torno de como chegar a isto. É importante percebermos que a ideia que fazemos da realidade de certa maneira precede a ideia de como tratá-la (Demo, 2013).

No passado utilizava-se os mitos para explicar e compreender os fenômenos da realidade, com o tempo coube à religião a tarefa, em parte, de explicar também os acontecimentos ocorridos na vida cotidiana. Posteriormente, surge a ciência que não acredita em mitos, tampouco na religião como forma de explicação. A partir de então faz-se necessário o conhecimento rigidamente fundamentado e muito bem embasado através da pesquisa, que é a finalidade básica de toda ciência e a observação sistemática.

É necessário lembrar, no entanto, que como em tudo na vida a ciência não é ensinada totalmente, porque não é apenas técnica. É igualmente uma arte. E na arte vale a máxima: é preciso aprender a técnica, para termos base suficiente: mas não se pode sacrificar a criatividade à técnica. Vale precisamente o contrário; o bom artista é aquele que superou os condicionamentos da técnica e voa sozinho. Quem segue excessivamente as técnicas, será por certo medíocre, porquanto onde há demasiada ordem, nada se cria (Demo, 2013).

“É sempre mais fácil dizer o que não seria ciência. Simplificadamente, não são ciência a ideologia e o senso comum. Mas não há limites rígidos entre tais conceitos, pelo que aparece mais ou menos misturados” (Demo, 1995, p. 18).

Diferentemente do senso comum, a ciência caracteriza-se principalmente por desconfiar das certezas que temos sobre a realidade. Onde o senso comum vê regularidade, constância, estabilidade, invariabilidade, a ciência pode ver distinção, diferença, variabilidade; onde a ciência vê regularidade, o senso comum pode ver distinção, diferenças (Medeiros; Tomasi, 2021, p. 24).

Pesquisar é uma tarefa que exige perspicácia, insistência, estudo e preparação de quem se propõe a estudar algum fenômeno. Descobrir o que está encoberto, trazê-lo à luz o que ainda está no escuro, para que o conhecimento seja útil à comunidade científica, à população e à sociedade como um todo. Se algo nos inquieta, nos instiga e sobretudo nos move, é necessário que se investigue com propriedade e conhecimento, para que as respostas advindas desse minucioso trabalho traga alento a quem de fato precisa.

Para estudo do objeto de pesquisa deste trabalho, que é a utilização da musicoterapia como recurso facilitador do desenvolvimento da fala em crianças autistas, se fez uso da pesquisa qualitativa através da observação participante e do contato direto pessoal com o objeto investigado. Segundo Gil (2010, p. 1),

[...] pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

A pesquisa qualitativa tem como característica a subjetividade, se utiliza de pequenas amostras para obtenção dos resultados, não mensura estatisticamente e o sujeito se configura como um ser positivista, ou seja, são aqueles que acreditam que a realidade se constrói através das influências e não há verdades rígida ou absolutas, como acreditam os positivistas (Yin, 2016).

É importante lembrar que a pesquisa qualitativa é uma das formas mais aceitáveis de se realizar pesquisas no universo acadêmico e por diferentes profissionais, além de ser uma forma sedutora e produtiva de se realizar pesquisa. “O fascínio da pesquisa qualitativa é que ela permite a realização de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de tópicos, incluindo seus favoritos em termos simples e cotidianos” (Yin, 2016, p. 5).

De acordo Marconi e Lakatos (2021, p. 30) “técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte. É a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”.

As técnicas utilizadas na realização deste trabalho foram técnicas de observação direta intensiva que são a entrevista e a observação direta extensiva que são os questionários. Segundo Marconi e Lakatos (2021, p. 30) indica que

[...] a observação é uma técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Vai muito além do que ver e ouvir, mas examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo, que se constitui na técnica fundamental da Antropologia.

A observação, por ser uma atividade muito presente na vida das pessoas, pode ser

claramente identificada sem a necessidade de uma definição formal, mesmo porque boa parte daquilo que conhecemos decorre de observação. No entanto, no contexto da pesquisa científica, pode-se definir observação como “o ato de perceber as atividades e inter-relacionamentos entre as pessoas no cenário de campo através dos cinco sentidos do pesquisador” (Angrosino, 2009, p. 56).

A observação participante, a entrevista aberta e o contato direto realizado pessoalmente constituem a marca registrada da pesquisa qualitativa. Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato muito próximo, sem o qual não se estabelece uma relação de inteira confiança. A observação utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Vai mais além do que ver e ouvir, é preciso examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

Já a entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente a informação necessária. A entrevista foi realizada com a educadora que acompanha a criança desde 2021, onde a mesma relatou as mudanças observadas na fala e na maneira dela se comunicar. Relatando a ausência dos gritos que eram tão frequentes durante as atividades. Atualmente, eles deixaram de existir.

As entrevistas foram realizadas no início do projeto, durante e depois, com a intenção de verificar e comparar as mudanças ocorridas na maneira de C. se comunicar. As questões eram referentes à fala propriamente dita, visto que esse trabalho tem como objetivo observar se, através da música, a fala da criança melhora. A entrevistada relatou que semanalmente eram anotadas todas as observações referentes ao comportamento da criança, desde a entrada até o término das atividades.

O questionário é constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito sem a presença do pesquisador. Na realização desse trabalho, o questionário buscou que o entrevistado respondesse as perguntas referentes às condições sócio-afetivas, condições motoras, estereotípias, interesses especiais e a criatividade da criança, uma vez que também é de meu interesse as informações gerais sobre o meu objeto de pesquisa.

A observação para estudo do caso foi feita com uma criança que participa das

atividades de musicalização infantil onde foi matriculada em 2021. Quando C 02 anos iniciou as atividades musicais, não mencionava palavras isoladas, apenas gritava.

Ressalta-se que, somente depois de tudo acertado para inserção da mesma nas atividades, é que a mãe relatou que ela já fora diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista, e isto se desenhcou como um importante fator de preocupação e angústia advindos das educadoras, uma vez que não nos sentíamos preparadas para lidar com esse público. A mãe, todavia, insistentemente nos pediu que aceitasse a criança, uma vez que já era conhecedora dos benefícios que a música é capaz de proporcionar às crianças autistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa busca dos pais pelas atividades musicais para crianças autistas, é um fator curioso e interessante. Com o advento das redes sociais e da facilidade em obter informações sobre determinado assunto, é possível perceber que as famílias já são bastante informadas acerca do transtorno que acomete a criança. As mães são exímias observadoras e buscam informações sobre as atividades e terapias que trará conforto e qualidade de vida para seus filhos. Muitos vêm por indicação de um médico neuropediatra ou até mesmo de outros profissionais que indicam a música como uma grande aliada no tratamento da fala e de outras dificuldades.

Quanta preocupação nesse terreno outrora desconhecido. C chegou apresentando todos os sinais de uma criança autista: andava nas pontas dos pés (completamente inclinados para cima), a estereotipia ao balançar os braços e as mãos, não atendia aos comandos, e os gritos? Eram completamente angustiantes para nós. Durante todo o trabalho ela não parava de gritar. Decidimos chamar a mãe para uma conversa onde ela nos relatou que C gritava quando estava feliz. Aquilo não nos pareceu muito convincente. No entanto, acatamos a ideia e num outro momento ela nos disse que a fonoaudióloga havia dito que C gritava porque ainda não sabia falar.

Juntas fomos percorrendo aquele caminho de dúvidas, incertezas e muitas leituras com o objetivo de incluir a criança nas atividades como faríamos com qualquer outra criança. Durante esse percurso observações foram escritas, mas ainda sem o viés da musicoterapia, pois não tínhamos conhecimento para realizar os procedimentos. Com o

tempo os gritos foram diminuindo até acabarem por completo. C articula bem as palavras, chama os colegas pelo nome, cumprimenta as pessoas presentes e canta as canções antes mesmo de ouvi-las. A ecolalia ainda se faz presente, mas houve uma acentuada diminuição. É importante ressaltar que as crianças autistas demonstram muito prazer nas atividades musicais, é notório o quanto elas se sentem felizes ao realizar as atividades de canto, ritmo, movimento corporal, parlendas, uso dos tambores, etc. As mães também relatam que as mesmas gostam muito e percebem também uma importante melhora na articulação das palavras e até sentenças.

C ainda não interage com as outras crianças, mesmo que durante o trabalho realizado ela demonstre assertividade e compreensão do que se faz. Mas no que se refere à fala, é latente e porque não dizer, emocionante, a evolução da mesma.

Perceber e comparar a maneira como C deu início às atividades, demonstra que os resultados obtidos corroboram com a forte suspeita que eu tinha no início da pesquisa, pois, a princípio foi levantada a hipótese de que a fala vai se tornando mais compreensível, o vocabulário aumenta e a comunicação entre a criança e os outros acontece da maneira mais assertiva e eficiente.

É preciso ressaltar que no início do trabalho realizado com C. os gritos emitidos por ela eram angustiantes. Ela gritava do início até o fim das atividades, sem nenhuma regulação dos movimentos, andava nas pontas dos pés, com os mesmos bastante levantados, balançava as mãos e não atendia a nenhum comando. Atualmente, C. não grita mais. Podemos perceber que esses cessaram completamente. Ela já canta as canções com alegria e entusiasmo, reproduz os motivos rítmicos, atende aos comandos de voz, nomeia os instrumentos presentes na sessão e tem controle dos movimentos. Ela cumprimenta os que estão presentes e reconhece as pessoas pelo nome. O mais importante, contudo, é perceber o quanto C. se sente bem e confortável enquanto realiza e experimenta o canto, os instrumentos de percussão e os movimentos corporais. Porque o bem-estar do paciente e o vínculo devem se configurar como objetivo principal da trabalho.

Confirmar as hipóteses levantadas à luz dos autores, faz desse trabalho um motivo de dar seguimento à pesquisa e abrir o leque de discussões acerca da intrínseca relação entre música e autismo, esse transtorno cada vez mais presente na sociedade e por vezes tão desconhecido da comunidade médica e científica.

Como foi dito na introdução deste trabalho, a pesquisa realizou-se inicialmente durante as atividades de educação musical, uma vez que eu ainda não havia iniciado o estágio em musicoterapia, ocorre, que essa questão começou a me interessar e criar uma curiosidade de entender e compreender o poder que a música exerce sobre as crianças autistas, haja vista, sabe-se que elas vivem centradas em si mesmas, não se interessam por pessoas, sendo frequentemente atraídas por objetos e coisas inanimadas. Sabe-se que a relação do autista com objetos se faz de uma maneira especial e de forma distinta da relação que ele estabelece com pessoas; ele ao menos aceita o objeto, apesar de não lhe dar o significado que tem, como por exemplo, um pandeiro: mesmo que ele veja alguém tocar um pandeiro à sua frente, ele utiliza o instrumento, muitas vezes rodando no chão (Barcellos, 2004).

É preciso salientar que o processo de pesquisa se faz num longo percurso de observação contínua, anotações e indagações. No tocante à crianças autistas, a paciência deve ser uma constante, visto que “os profissionais que atendem essa população sabem, que muitas vezes, precisamos esperar por longos períodos até que possamos comemorar algum movimento da criança – um olhar, um sorriso, uma conquista” (Tavares, 2019, p. 20). Os resultados da pesquisa por vezes se constituem num doloroso caminho de idas e vindas, permeado por dúvidas, inquietações, medos e desânimo advindos do pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se com esse trabalho observar e investigar se a música com todos os seus elementos como a melodia, a harmonia e o ritmo se configura como um recurso que facilita o processo do desenvolvimento da fala em crianças autistas. No que se refere a essa questão, os dados da referida pesquisa indicaram que há uma melhora significativa nesse percurso que começa com a criança emitindo sons e ruídos, perpassa por emissão de palavras isoladas, ocorre a presença da ecolalia, até que a criança começa a articular bem as palavras e pronunciar sentenças e frases com sentido. A realização desse trabalho permitiu constatar o que diz a literatura, que desde a Antiguidade, Platão já acreditava no poder da música sobre o comportamento humano.

Em todo canto se lê sobre os benefícios diversos que essa arte tão sublime

proporciona e o quanto ela é transformadora. Para o senso comum essa ideia é muito clara e presente. Deve-se ressaltar, no entanto, a importância do conhecimento bem embasado e cientificamente comprovado, que somente a pesquisa nos traz.

Poder constatar na prática o que sabemos somente pela teoria é de salutar importância para a continuidade de estudos sobre determinado assunto, pois somente assim é que a sociedade se beneficiará dos frutos do conhecimento.

Como é notório a todos, os casos de crianças com autismo têm aumentado de maneira significativa. Sabe-se também que cada criança é única em seu comportamento. Sendo assim, quanto mais informações os profissionais obtiverem sobre o assunto, quanto mais conhecimento e dados cientificamente comprovados estiverem ao nosso alcance, as crianças terão mais qualidade de vida e diminuição das dificuldades para elas, suas famílias e de todos que a cercam.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARBOSA, Denise Carvalho; OLIVEIRA, Érika Parlato (org.). **Psicanálise e clínica com bebês: sintoma, tratamento e interdisciplinar na primeira infância**. São Paulo: Instituto Langage, 2010.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **A formação do musicoterapeuta numa visão histórica ou Musicoterapeutas: de onde viemos e para onde vamos**. São Paulo: 2021.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Atividades realizadas em musicoterapia**. Rio de Janeiro: 2007.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Musicoterapia: alguns escritos**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004. 142p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo musicoterapia**. Traduzido: Marcus Leopoldino. Barcelona: Publishers, 2016.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. 21. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995,

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MEDEIROS, João Bosco; TOMASI, Carolina. **Redação de artigos científicos: métodos de realização, seleção de periódicos, publicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2021

MILLECCO FILHO, Luís Antônio; BRANDÃO, Maria Regina Esmeraldo; MILLECCO, Ronaldo Pomponet. **É preciso cantar** – musicoterapia, cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

TAVARES, Talita Arruda. **O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo**. São Paulo: Blucher, 2019.

TREVARTHEN, Colwyn; AITKEN, Kenneth J.; GRATIER, Maya. **O bebê: nosso professor**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016.

Submissão: junho de 2026. Aceite: julho de 2026. Publicação: setembro de 2026.